

OS SINAIS DOS TEMPOS INTERPELAM E ALENTAM A CAMINHADA DOS INSTITUTOS SECULARES NA AMÉRICA LATINA E CARIBE

Prof. Dr. João Clemente de Souza Neto
Instituto Catequético Secular São José
Universidade Presbiteriana Mackenzie

*A secularidade consagrada é chamada a pôr em prática as imagens evangélicas do fermento e do sal. Sede fermento de verdade, bondade e beleza, fermentando a comunhão com os irmãos e irmãs que estão ao vosso redor, pois só através da fraternidade podemos derrotar o vírus do individualismo (cf. Fratelli tutti, 105). E sede sal que dá sabor, porque sem sabor, desejo e maravilha, a vida permanece insípida e as iniciativas permanecem estéreis. Ajudar-vos-á a recordar como a vizinhança e a proximidade foram os caminhos da vossa credibilidade, e como o profissionalismo vos tenha dado “autoridade evangélica” nos ambientes de trabalho. (Carta do Papa Francisco por ocasião do 75º Aniversário da Constituição Apostólica *Provida Mater Ecclesia*.)*

Eu vim para que tenham vida, e a tenham plenamente (Jo 10,10). O serviço à vida plena é o desafio essencial que interpela os consagrados seculares. Nesta trilha, caminhamos de encontro em encontro com as pessoas aonde elas estão e como elas são. Aí, vivemos e comunicamos o dom da vocação à consagração secular, dom do encontro com Jesus Cristo. “Não temos outro tesouro a não ser este. Não temos outra felicidade nem outra prioridade que não seja sermos instrumentos do Espírito de Deus na Igreja, para que Jesus Cristo seja encontrado, seguido, amado, adorado, anunciado e comunicado a todos, não obstante todas as dificuldades e resistências” (DAp 14).

A consagração secular é um jeito de viver a Igreja em saída, para testemunhar o Reino de Deus. Neste Congresso, invocamos. “de modo especial o Espírito Santo para que ele possa renovar em cada membro dos Institutos Seculares o poder criativo e profético que os tornou um dom tão grande para a Igreja antes e depois do Concílio Vaticano II” (Carta do Papa Francisco por ocasião do 75º Aniversário da Constituição Apostólica *Provida Mater Ecclesia*).

Do século XX para cá, vivemos várias transformações e crises. Hoje, já não há necessidade de problematizar o que é secularização, o que é secularismo, é compreender o mundo na sua complexidade. O que é importante é responder à questão de como dar testemunho de Jesus Cristo nas realidades da América Latina e do Caribe. Os Institutos Seculares ajudaram a Igreja a dar visibilidade à secularidade, isto é, a descobrir a importância do mundo para a salvação, enquanto campo de missão.

1. Viver juntos, na justiça e na paz

Os últimos cinquenta anos foram marcados por ditaduras de feição populista e neofascista, pela corrupção que vai do Estado e de seus representantes até o comércio cotidiano e outras relações, pela desigualdade social, a violência, a cultura de descarte e/ou do cancelamento de pessoas, as perseguições religiosas, extermínio de pessoas, o desenvolvimento tecnológico, o desemprego, o feminicídio, a destruição da natureza e outras mazelas.

Vivemos tempos de rupturas do tecido social e político, com acenos da construção de um tecido cultural. Alguns especialistas caracterizam este novo tempo como uma sociedade líquida e outros como digital, virtual. O que é evidente é que temos uma sociedade impulsionada pelas tecnologias de inteligência artificial. Estas e outras realidades conduzem à superficialidade nas questões morais e relacionais, podendo comprometer o agir da vocação e “reduzir a fé e a Igreja ao âmbito privado e íntimo”. Existe “uma crescente deformação ética, um enfraquecimento do sentido do pecado pessoal e social e um aumento progressivo do relativismo; e tudo isso provoca uma desorientação generalizada... (EG, 64).

A América Latina e o Caribe estão tomados por movimentos religiosos e políticos democráticos ou autoritários, de feição fundamentalista, fascista, marxista, neoliberal, negacionista, que investem numa espiritualidade sem Deus ou instrumentalizam a fé. “Estes movimentos religiosos, que se caracterizam pela sua penetração sutil, vêm colmar (preencher), dentro do individualismo reinante, um vazio deixado pelo racionalismo secularista” (EG, 63). São movimentos que impactam ou contaminam os fiéis e os membros dos Institutos Seculares.¹

Tais cosmovisões ganham força dentro das realidades existenciais, coletivas e individuais. O sujeito busca preencher seu vazio existencial por diferentes meios, drogas, ideologias, práticas sexuais, consumismo, bebida, culto a físico, exibicionismo... A Igreja tem uma proposta para preencher o vazio humano. É Cristo, que convida cada pessoa para o encontro com Ele: - “Vinde a mim...” (Mt 11, 25-30).

É nesse cenário que os consagrados seculares enfrentam o desafio de “olhar, escutar e reconhecer a presença e a vontade de Deus na realidade que estamos vivendo. Para isso, precisamos prestar muita atenção aos sinais dos tempos e dispor nossos ouvidos e corações para a realidade em que vivemos” (CELAM, Primeira Assembleia Eclesial da América Latina e o Caribe, 38).

Estar no mundo pela ótica da consagração secular é buscar constantemente a transformação, num itinerário que se volta para a contemplação da experiência trinitária. À

¹ O “Guia Metodológico do Processo de Escuta do Povo de Deus que peregrina na América Latina e no Caribe”, produzido pelo CELAM, descreve a situação: “a pandemia da COVID-19, sinal de uma mudança de época; o modelo econômico e social que se volta contra o ser humano; a crescente exclusão, a cultura do descarte e as práticas de solidariedade; a escuta do grito da terra, o cuidado da nossa casa comum; a violência crescente nas nossas sociedades; as grandes lacunas educacionais, a necessidade de um “Pacto Educativo Global”; os migrantes, refugiados e vítimas de tráfico de pessoas como novos rostos da cultura do descarte; os povos indígenas e afrodescendentes, rumo a uma cidadania plena na sociedade e na Igreja; a globalização e a democratização da comunicação social; o enfraquecimento dos processos políticos e democráticos nos nossos países; o envelhecimento da população; excesso de informação, conhecimentos fragmentados e a urgência de uma visão integradora; aumento do número de pessoas que se declaram agnósticas, não-crentes ou ateus na América Latina e no Caribe; crescimento das igrejas evangélicas e pentecostais no nosso continente; o desafio de um maior desenvolvimento do ministério da pastoral urbana e das grandes cidades; os novos desafios da família e as suas diferentes realidades; os jovens como atores sociais e gestores da cultura; o desafio da plena participação dos jovens na sociedade e na Igreja; prevenção do abuso sexual na Igreja e acompanhamento das pessoas que foram abusadas; o clericalismo, um grande obstáculo a uma Igreja sinodal” (CELAM, 2021, pág. 27). A esses desafios, acrescentamos o descrédito e/ou desconhecimento do testemunho da vida consagrada; os novos arranjos no viver da sexualidade; o culto ao corpo; o aumento do uso de drogas ilícitas; o aumento do número de famílias e pessoas em situação de rua.

luz da fé, a esperança na Trindade cria a fraternidade, a comunhão, a unidade. Na Escola de Jesus, a Virgem Maria viveu a comunhão com a Trindade, no itinerário da Encarnação, Paixão, Morte e Ressurreição de Jesus. Por isso, sinaliza que o discípulo deve estar sempre a serviço da vida.

O que pensa o consagrado secular sobre a economia, a política, os dilemas éticos, a cultura, em situações desumanas e excludentes? O que pode fazer para deixar emergir os valores do reino de Deus?

2. O consagrado secular, arteção da paz

Na era secular, as perguntas centrais do Evangelho são recolocadas: Onde está teu irmão? Quem é o teu próximo? Quem é justo? Quem pratica a compaixão? Quem cuida dos pobres? Cada um é chamado a dar de comer? Como realizar os dez mandamentos? Como fortalecer a ética do cuidar? Como estabelecer um diálogo da Igreja com o mundo? É possível, sem Deus, viver esta proposta na sua totalidade? Como anunciar e testemunhar os valores escatológicos no contexto do mundo do trabalho, no mundo da ciência, da comunicação, da cultura?

A secularidade é uma condição na qual nossa experiência de e nossa busca por plenitude ocorrem; e isto é algo que todos nós compartilhamos, crentes e descrentes igualmente [...] Nossa era tem testemunhado um forte conjunto de correntes a que se poderia chamar de anti-humanismos não religiosos, que circulam sobre vários nomes hoje em dia, tais como desconstrução e pós-estruturalismo. [...] Ao mesmo tempo, existem tentativas de reconstruir um humanismo não exclusivo em bases não religiosas, que podemos ver em várias formas de ecologia profunda. [...] (TAYLOR, Charles, *Uma era secular*, São Leopoldo, RS, Unisinos, 2010, pág.33- 34).

Já se passaram mais de setenta e cinco anos da promulgação da *Provida Mater Ecclesia*, mais de cinquenta anos da Conferência Episcopal de Medellín e mais de 46 anos do primeiro congresso dos Institutos Seculares na América Latina. Estes eventos tinham como foco explicitar uma espiritualidade da Encarnação. O conteúdo teológico e canônico da consagração secular permanece o mesmo, mas as trilhas do modo de viver a secularidade mudaram. Uma mudança de época impacta o jeito de ser, viver, conviver, confabular e agir.

Uma atualização eclesiológica procura responder aos desafios dos novos tempos, especialmente nas encíclicas e exortações apostólicas do Papa Francisco. Na América Latina e no Caribe, faz essa atualização no “Documento de Aparecida”, na Exortação Apostólica Pós-Sinodal “Querida Amazônia”, nas “Reflexões e propostas pastorais a partir da Primeira Assembleia Eclesial da América Latina e o Caribe”. Em relação à vida consagrada, na Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Vita Consecrata* e na “Carta Apostólica às Pessoas Consagradas”, para proclamação do Ano da Vida Consagrada.

No que se refere à consagração secular, do Concílio Vaticano II até os dias de hoje, várias conferências internacionais dos Institutos Seculares problematizam e aprofundam os aspectos sociológicos, teológicos e canônicos da consagração, no sentido de deixar clara a identidade da consagração secular.

O documento da Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica sobre os Institutos Seculares, “Consagração e secularidade”, e os Discursos dos Papas Bento XVI e Francisco fazem uma síntese da construção teológica, sociológica e canônica dos Institutos Seculares, definindo sua natureza e missão. Desses documentos, várias reflexões sobre o modo da vida consagrada procuram responder às interrogações do nosso tempo.

Cada Instituto Secular e cada consagrado secular têm que discernir, à luz da Palavra de Deus, do Magistério e do carisma próprio da consagração secular, como responder às interrogações do cotidiano e da humanidade que vive e habita na América Latina e no Caribe. Têm que testemunhar e anunciar Jesus, caminho, verdade e vida, mediados pelas orientações da Igreja: “Aquele que me enviou é verdadeiro; e o que dele tenho ouvido, isso falo ao mundo” (Jo 8,26).

Assim sendo, voltamos a nos perguntar quais são as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias das pessoas que vivem e moram neste território onde homens e mulheres testemunharam sua fé. Todos os dias, neste contexto, o Espírito Santo toca o coração de pessoas que vivem radicalmente o seguimento de Cristo Mestre, como único e sumo bem, dando por ele a própria vida. Cada discípulo caminha na certeza de que Deus o procura, e espera dele um “Eis-me aqui”. Neste cenário, acentua o Papa Francisco que “gostaria que pensássemos em como podemos nos libertar de uma cultura do provisório?”

A espiritualidade da Encarnação ajuda a discernir os sinais dos tempos, de modo a fortalecer o caminho para que todos tenham vida em plenitude e, assim, possam enfrentar as mudanças em marcha na América Latina e no Caribe (cf. Aparecida, 33). Cada consagrado secular, cada Instituto Secular, deve ter uma inserção sociopolítica original em cada lugar, ter consciência de que esta vocação encontra seu fundamento no mistério da Encarnação, que chama a permanecer na realidade social, profissional e eclesial em que as pessoas se encontram.

Como presença de uma Igreja comprometida com o povo, os consagrados seculares são vocacionados a anunciar e denunciar as injustiças que destroem a vida e a cultura do povo. A inserção sociopolítica implica a defesa e a luta pelos direitos humanos, especialmente no que se refere aos mais pobres, aos trabalhadores, desempregados, sem moradia e povos originários, a luta pela humanização e preservação das riquezas naturais, uma Igreja de tal modo encarnada que tenha o rosto (cf. QA n. 7) das esperanças, das alegrias, angústias e sofrimentos do povo.

Vivemos tempos sombrios, marcados pela perversidade, pela espetacularização e pela mercantilização da informação. De outro lado, são tempos de esperança, solidariedade, alegria e fraternidade. É nesta coexistência entre o trigo e o joio, que temos que aprender a viver a sabedoria do Evangelho. Eis aqui a essência da nossa identidade. Se nos perdermos no emaranhado e nas tramas geradas pelo vazio existencial e pelo mercado, deixaremos de ser sal e fermento.

Neste século XXI, estamos imersos numa cultura fragmentada, fluida, na qual se esvazia o sentido da vida e da esperança, e tudo passa a ser considerado descartável. “É o pragmatismo cinzento da vida quotidiana da Igreja, no qual aparentemente tudo procede dentro da normalidade, mas na realidade a fé vai-se deteriorando e degenerando na

mesquinhez” (EG 83). Às vezes, perpassa a sensação de que já não sabemos distinguir o bem do mal. Daí a grande necessidade de aprendermos a discernir e a pensar no futuro, a construir sobre a rocha as nossas decisões. “Não deixemos que nos roubem a alegria da evangelização (EG, 83) e da consagração secular!

A Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* apresenta alguns critérios teológicos e antropológicos para promover a vida e contemplar a Deus nos acontecimentos, tendo em vista que nossa identidade de consagrados seculares pressupõe o encontro com o outro. Viver a vocação é dar “uma resposta alegre ao amor de Deus que nos convoca para a missão e nos torna completos e fecundos. Alguns resistem a provar até ao fundo o gosto da missão e acabam mergulhados numa acédia paralisadora” (EG 81). Temos que ter consciência de que nossa vocação nos coloca como sal e fermento no mundo, empenhados no serviço da vida, sem medo e receio de perder o tempo e a autonomia. Nosso tempo é para nós, para Deus e para o outro.

A ansiedade e uma cultura de resultados imediatos, glamourosos e espetaculares são desafios que comprometem a nossa missão. “A ânsia hodierna de chegar a resultados imediatos faz com que os agentes pastorais [os consagrados] não tolerem facilmente o que signifique alguma contradição, um aparente fracasso, uma crítica, uma cruz” (EG 82), esquecidos de que estamos a serviço de Deus e não de alguma vaidade pessoal. “O problema está (...) nas atividades mal vividas, sem as motivações adequadas, sem uma espiritualidade que impregne a ação e a torne desejável. Daí que as obrigações cansem mais do que é razoável, e às vezes façam adoecer” (EG, 82).

A contradição entre o compromisso com os valores do reino de Deus e, simultaneamente, com uma vida carregada de transitoriedade, desconectada de uma certa racionalidade, de um contato com o povo, a espera que de tudo “caia do céu”, destrói qualquer forma de compromisso duradouro, de objetividade, construindo narrativas acríticas, mescladas de ilusões (cf. BAUMAN, *Vida em fragmentos*, Rio de Janeiro, Zahar, 2011).

No continente latino-americano e caribenho, multidões de pessoas são feixes de esperança e sabem lidar com o sofrimento. Elas nos ajudam a descobrir o mistério da cruz. Embora a consciência das múltiplas crises que experimentamos possa gerar desânimo e sofrimento, e até mesmo comprometer nosso desenvolvimento humano, temos que aprender a não nos deixarmos vencer, a seguir em frente. Com o olhar fixo para a cruz, dela extraímos forças para superar “a tentação de separar prematuramente o trigo do joio, resultado de uma desconfiança ansiosa e egocêntrica” (EG, 85).

Diante do sofrimento, em meio a nossos limites, escutemos a palavra do Senhor: - “Basta-te a minha graça, porque a força manifesta-se na fraqueza” (2 Cor 12, 9). Ou supliquemos, como fizeram os discípulos de Emaús: - “Fica conosco, Senhor!” (Lc 24,29). Neste continente, muitos são os sinais da sede de Deus, ainda que esta sede possa estar implícita. Daí a necessidade de consagrados seculares “que indiquem o caminho para a Terra Prometida, mantendo assim viva a esperança” (EG, 86).

Estas reflexões despertam algumas questões: De que modo o mundo ataca e busca destruir os valores do reino de Deus? Quem planeja e organiza a cidade? Como Deus se faz presente na cidade? Quem ajuda as pessoas a encontrarem os sinais de Deus no mundo?

Seria possível encarnar o reino de Deus na cidade e vice-versa? Qual é a perspectiva de Deus? Por onde caminha o reino de Deus no mundo?

3. Os sinais do reino de Deus e a banalidade do mal

“Deus amou de tal modo o mundo, que lhe deu seu Filho único, para que o mundo seja salvo por ele” (Jo 3,16). Na espiritualidade da Encarnação, a eclesiologia de hoje se assenta numa igreja em saída, que encontra as pessoas onde estão e como são. Uma “via de saída é ser como o bom samaritano” (FT 66). A atitude do samaritano (Lc 10, 25-37) deve ser a atitude dos discípulos e discípulos/as de Cristo, “a existência de cada um de nós está ligada à dos outros: a vida não é tempo que passa, mas tempo de encontro” (FT 66).

Os aspectos teológicos, antropológicos e sociológicos presentes nessa parábola ajudam o consagrado secular a compreender e a assumir as dimensões de cidadania e de construtores de um novo vínculo social implícitas na vocação. Isto requer uma atitude de atenção, escuta e acolhimento, própria dos encontros humanos. Aquele que caminha conduz a um outro círculo de relação, supera o narcisismo e deixa ecoar a voz do Espírito. O diálogo é um caminho para a tessitura de um novo processo civilizatório, que só pode ser percorrido por espíritos livres e dispostos a encontros reais (*Fratelli Tutti*, 50-55).

Como nos colocar como discípulos na sociedade, sem perder nossa identidade de consagrados seculares? Como ser pessoas escolhidas e chamadas por Deus para viver no mundo líquido, nos molhar, nos enlamear, sem deixar obscurecer ou empobrecer a mensagem do evangelho e da doutrina da Igreja de que somos testemunhas? Temos que descobrir e ajudar as pessoas a enxergarem o que é, verdadeiramente, presença de Deus e seu efeitos em contraposição às dissimulações do mal que penetra o conjunto da vida e dos acontecimentos, a distinguir aquilo que é verdadeiramente humano daquilo que é desumano (SOUZA NETO e SCHRAMM, 2020, p. 187).

Na oração do Pai Nosso e na oração sacerdotal, Jesus pede ao Pai para nos deixar no mundo e nos livrar do mal, da idolatria, do consumismo, da violência, das drogas, da corrupção, do medo e da ansiedade desenfreada. É no caldeirão do mundo, no cotidiano, que somos chamados a dar as razões de nossa esperança, com mansidão e respeito (1 Pd 3,16). Só assim é possível nos aproximarmos da miséria humana, tocá-la, sem receio de nos aproximar e sem nos deixar contaminar pelo mal.

A secularização é uma forma de *aggiornamento*, porque desvela o humano e o divino que estavam aprisionados pelos entulhos da história. Neste movimento, emerge também o secularismo, que é uma forma de ateísmo em busca de explicar e dar sentido à vida e ao mundo sem Deus, ou uma forma de viver como se Deus não existisse ou tivesse morrido. O secularismo traz nos seus fundamentos a morte de Deus. Por isso, a secularização, o secularismo e a secularidade constituem sempre um desafio fundamental para o futuro da humanidade e da Igreja. De forma particular, para os Institutos Seculares.

A secularização, que muitas vezes se transforma em secularismo, abandonando a acepção positiva de secularidade, põe à dura prova a vida cristã dos fiéis e dos pastores [...], de maneira a propor respostas convincentes às interrogações e às esperanças do homem contemporâneo. [...] A secularização, que se apresenta nas culturas como um delineamento do mundo e da humanidade sem referência à

Transcendência, impregna todos os aspectos da vida cotidiana e desenvolve uma mentalidade em que Deus se tornou total ou parcialmente ausente da existência e da consciência do homem. Esta secularização não é apenas uma ameaça externa para os fiéis, mas já se manifesta há muito tempo no seio da própria Igreja. Desnatura a partir de dentro e em profundidade a fé cristã e, por conseguinte, o estilo de vida e o comportamento quotidiano dos fiéis. Eles vivem no mundo e são muitas vezes marcados, se não condicionados, pela cultura da imagem que impõe modelos e impulsos contraditórios, na negação prática de Deus: já não há necessidade de Deus, nem de pensar nele e de voltar para Ele. Além disso, a mentalidade hedonista e consumista predominante favorece, tanto nos fiéis como nos pastores, uma deriva na superficialidade e um egocentrismo que prejudica a vida eclesial. (Discurso do Papa Bento XVI, na Assembleia Plenária do Pontifício Conselho para a Cultura, https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2008/march/documents/hf_benxvi_spe_20080308_pc-cultura.html 08/03/2008).

Os sistemas e estruturas sociais transformam tudo em mercadoria e o mercado insiste em colocar tudo a seu serviço, configurado por uma filosofia do consumismo e do descarté. O mercado, nesse sentido, compra e vende a ética, as consciências, a política, a vida, os direitos humanos, a religião e os bens gerados pela natureza, como a água, o ar, as árvores, os minérios, o petróleo. Tudo isso afeta os Institutos Seculares, as vocações, a vida fraterna.

O itinerário da felicidade e da liberdade ocorrem, na sociedade líquida, pela mão invisível do mercado. O narcisismo e o egocentrismo que daí resultam conduzem à negação do novo homem paulino.

A mão invisível do mercado, operada por indivíduos egoístas na busca de sua própria riqueza e prazer, parecia muito relutante ou impotente em salvar os seres humanos dos horrores da crueldade recíproca; com toda certeza, não conseguiu nem libertar a maioria dos homens dos grilhões da paixão e nem fazer totalmente felizes aqueles poucos que teve sucesso em tornar livre. De alguma forma, as paixões [...] mostraram ser tão absolutamente indispensáveis à felicidade quanto era a busca de vantagens puramente pessoal. (BAUMAN, 2009, pág. 84.)

No mundo líquido, a felicidade está restrita ao consumismo. São milhões de pessoas movidas pela busca da felicidade, da liberdade, no consumo. Incessantemente, porém, diante da velocidade das mudanças e dos acontecimentos, essa felicidade e essa liberdade se esvaem. É uma perda que produz medo e ansiedade, com efeitos paralisantes. Imaginamos que, olhando para esse cenário, o Papa Francisco escreveu as Exortações Apostólicas *Evangelii Gaudium*, a *Gaudete et Exsultate*, a *Fratelli Tutti* e as “Reflexões e propostas pastorais a partir da Primeira Assembleia Eclesial da América Latina e o Caribe”, documentos que trazem pistas seguras sobre o modo de nos colocarmos no mundo atual (cf. SCHRAMM e SOUZA NETO, 2020, p. 179).

O consagrado secular tem que tomar cuidado com a fala da serpente (cf. 2 Cor 11, 3) para não deixar que se corrompa o sentido da consagração e da prática do evangelho. A

consagração secular traz sempre o risco de fortalecimento de uma personalidade egóica. A política econômica, quando tende a determinar as estruturas sociais, culturais e psíquicas, corrói a dignidade humana e os valores humanos e sociais, força o deslocamento de milhares de famílias e pessoas.

A concepção dessa política reforça e recria o jeito de ser do colonialismo, manifestado nos meios de comunicação. O foco agora já não é colonizar territórios e corpos, e sim colonizar almas, mentes, culturas, consolidando uma psicologia de massa. A inserção sociopolítica do consagrado secular no cotidiano para ajudar a evitar que “a globalização se transforme num novo tipo de colonialismo” (cf. QA. N. 14).

4. Novos e velhos desafios para a vida consagrada²

Os Congressos Internacionais de Institutos Seculares, desde 1970, têm sublinhado a relação entre consagração e secularidade. Como viver a consagração no campo da secularidade na América Latina e Caribe? E ainda, o que é ser consagrado secular em cada país e território deste Continente? Esta temática tem sido tratada nas Conferências Episcopais Latino-Americanas e do Caribe, explicitando a identidade do ser consagrado como as duas margens de um único rio, a margem da secularização e a da consagração.

O eixo da consagração é o seguimento radical a Jesus Cristo, numa visão profunda de fé, que se alimenta na oração enraizada na Palavra de Deus (cf. DP, 742). Na América Latina e Caribe, o desafio dos Institutos Seculares, a nosso ver, está definido na Conferência de Puebla, 774-776. Aparece, aí, o encontro de duas perspectivas, a secularidade e a secularização, um jeito de viver perigosamente, viver a secularização, sem se deixar envolver pelo secularismo, que busca excluir Deus da história humana. São chamados a viver em áreas de conflito e nelas dar testemunho.

De que forma os consagrados/as seculares e os Institutos seculares podem apresentar o rosto da secularidade na América Latina e Caribe? Como dar testemunho de sua vocação neste contexto de configuração de sentidos? Em meio a crises de fé, política, economia e da pluralidade de ofertas religiosas, como discernir o que é irrenunciável e essencial na consagração secular? De que modo as dinâmicas da secularização e do secularismo condicionam ou interferem nos carismas dos Institutos Seculares?

² Na América Latina e no Caribe, “[...] os desafios e orientações pastorais que Deus nos chama a assumir com maior urgência” são: “a necessidade de trabalhar por um encontro renovado de todos com Jesus Cristo encarnado na realidade do continente; acompanhar e promover o protagonismo dos jovens; atenção adequada às vítimas de abusos nos contextos eclesiais e o compromisso com a prevenção; a promoção da participação ativa das mulheres nos ministérios e nos espaços de discernimento e de tomada de decisões eclesiais. A promoção da vida humana [...]; a formação em sinodalidade para erradicar o clericalismo; a promoção da participação em espaços de transformação cultural, política, social e eclesial; a escuta e o acompanhamento do grito dos pobres, dos excluídos e dos descartados. A renovação dos programas de formação nos seminários para que assumam a ecologia integral, o valor dos povos originais, a inculturação e a interculturalidade, e o pensamento social da Igreja como temas necessários, e tudo o que contribua para uma formação adequada em sinodalidade. Renovar à luz da Palavra de Deus e do Vaticano II nosso conceito e experiência do Povo de Deus; reafirmar e dar prioridade à vivência dos sonhos da Querida Amazônia; e acompanhar os povos originários e afrodescendentes na defesa da vida, da terra e de suas culturas” (Cf. Reflexões e propostas pastorais a partir da Primeira Assembleia Eclesial da América Latina e o Caribe p 136).

Em síntese, a pergunta essencial é: de que modo os consagrados/as seculares podem fazer brotar a força do evangelho na América Latina e Caribe? Como, no cotidiano da vida consagrada secular, podem fazer emergir o profetismo? De que modo as inquietações provenientes da cultura digital repercutem no jeito de viver a consagração na América Latina e no Caribe?

O mundo da tecnologia e da cultura digital traz um novo modo de viver, de confabular, de trabalhar, de agir e de ser. Como os Institutos Seculares e os consagrados seculares estão utilizando a tecnologia da informação e da comunicação? É possível formar comunidades eletrônicas para viver a consagração? Em que as TICs afetam ou ajudam a fortalecer os carismas? De que forma as TICs modificam as estruturas organizativas dos Institutos Seculares? Cada nova tecnologia reconfigura e configura a dinâmica social e, portanto, a secularidade.

Na visão de economistas e sociólogos, vivemos um momento de desaparecimento e surgimento de várias profissões. Muitos tendem a ficar desempregados, vivendo de “bicos” e trabalhos informais. Como os Institutos Seculares estão preparando seus membros para enfrentarem esse desafio?

Demógrafos e sociólogos afirmam que a América Latina está envelhecendo e que, em breve, o número de idosos será maior do que o número de jovens e crianças. A previsão é que haverá uma falência do sistema previdenciário. De que modo os Institutos Seculares estão se preparando para enfrentar essa nova realidade?

Como deve ser a formação do consagrado secular que aqui vive, mora e realiza sua missão? De que modo a formação pode garantir na identidade do consagrado secular uma espiritualidade livre para interrogar a cultura descartável e reconhecer as manifestações da Encarnação presente e atuante no mundo?

Este Congresso dos Institutos Seculares volta-se, mais uma vez, para a questão da secularização, no sentido de escutar e interpretar as vozes e reclamos dos Institutos Seculares e dos consagrados/as seculares que vivem e habitam na América Latina e Caribe, para compreender melhor a dinâmica atual da secularidade. Velhas e novas interrogações entram em cena. Como os consagrados acolhem esses clamores e interrogações e testemunham a presença de Deus no meio do povo?

A pergunta central para o consagrado secular é a mesma que Deus dirigiu a Caim: - “Onde está teu irmão?” Ou mesmo a que fez a Adão: - “Onde você está?” Também podemos inverter essa lógica e retomar a pergunta de Jesus: - “O que vocês procuram” na América Latina e Caribe? Ainda, a pergunta que o jovem rico fez a Jesus: - “O que devo fazer?” Ou a pergunta que os fariseus fizeram ao Batista: - “O que devemos fazer?” Do mesmo modo, a pergunta dos discípulos a Jesus: - “Como alimentar esse povo?” E vamos nos lembrar da pergunta dos fariseus a Jesus: - “Quem é meu próximo?”

Esse conjunto de questionamentos traz à tona o profetismo da consagração secular. Na sociedade líquida, somos premidos a responder com outra pergunta: - Onde estão as mulheres, os trabalhadores, os negros, índios, os povos originários da América Latina, os doentes, os migrantes, os desempregados, os LGBTQI+, os idosos, os deficientes...? São centenas de rostos que todos os dias percorrem os caminhos das Américas e do Caribe.

De que forma os Institutos Seculares estão reatualizando seu carisma? Ou melhor, como a vitalidade do primeiro amor responde às novas necessidades? O Papa Francisco, como o sociólogo Baumann, falam de uma cultura do descartável e de uma sociedade líquida. Como os Institutos Seculares estão preparando os formadores e os novos responsáveis para formarem os membros e vocacionados para o testemunho do Evangelho numa sociedade líquida? Cristo é o mesmo ontem, hoje e sempre. Como viver este princípio numa sociedade em decomposição e de cultura descartável?

Estamos refletindo sobre os grandes desafios humanos que interferem na vida consagrada secular, no contexto social e na cultura: 1. individualismo da fé; 2. desânimo e egocentrismo; 3. pessimismo – otimismo estéril; 4. isolamento e fechamento; 5. mundanismo espiritual - materialismo; 7. clericalismo e machismo; 8. destruição da natureza; 9. Perversidade; 10. descrença na política (cf. EG, 80-106).